

ODISSEIA

Literária




INSTITUTO
FEDERAL
São Paulo
Câmpus
São Paulo


EDITORA
IFSP

ODISSEIA
Literária

V. 3, n. 2, 2025

EXPEDIENTE – 2025

Diretor Geral IFSP/SPO

Prof. Dr. Wellington Pereira das Virgens

Vice-Diretora IFSP/SPO

Profa. Dra. Lucimara Del Pozzo Basso

Diretor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação IFSP/SPO

Prof. Dr. José Otávio Baldinato

Equipe Editorial

Editora Gerente

Profa. Dra. Carla Cristina Fernandes Souto

Docente do IFSP, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais (GPLEC)

Editores de Seção

Profa. Dra. Kelly Mendes Lima

Docente do IFSP, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais (GPLEC)

Prof. Dr. Rodrigo Silva Trindade

Docente do IFSP, Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais (GPLEC)

APRESENTAÇÃO

Nossa presente Odisseia Literária contempla os textos vencedores na categoria de conto, tanto da modalidade interna quanto da externa, do VI Concurso Literário Abrace um Autor, organizado por licenciandos em Letras e pela professora Tais Matheus da Silva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – câmpus São Paulo.

Dentre os contos de produção interna ao IFSP, as leitoras e os leitores encontrarão textos que abordam temas importantes para o ser humano. “As cores certas”, de Sabryna Andrade de Almeida, trata, com uma voz narradora em primeira pessoa, dos sentidos profundos (e suas consequentes marcas intensas) que uma criança tece quanto à sua figura paterna a partir das atitudes aparentemente banais realizadas por tal adulto. Com Heitor Manoel de Menezes Ferreira, em “Wendy”, também acessamos uma criança, agora por um narrador onisciente que encaminha a nós, leitores, por entre descobertas insuspeitas sobre e da garota personagem principal. “Escreva sobre a minha angústia”, de Rafael Augusto Nogueira Cimmino, discute criativamente escrita subjetiva e seus sentidos em um mundo em que o Eu se vê imerso em tecnologias gerativas – inclusive, de “subjetividades” artificiais. Por fim, “Jardim”, de Leticia Giovanna Souza Doracenzi, trabalha com a metáfora das flores para abordar as diferentes facetas e fases dos amores que se tecem na vida.

Por sua vez, os contos de produção externa, em maior quantidade nesta edição, igualmente abarcarão temas subjetivos clássicos e outros hodiernos, mas com exemplares embrenhando pelo político de modo mais nítido. “Destinos cruzados”, de Djalma Silva Pereira, ficcionaliza o real do racismo e suas consequências na vida de sujeitos de classes sociais distintas. Sílvia Ribeiro Guimarães, em “Ela precisou ir”, tematiza a violência contra a mulher e eventuais saídas (difíceis, mas necessárias) de relacionamentos abusivos. “Entre linhas”, de Eduardo Felipe Rocha Vieira, encena como, em meio ao caos cotidiano de uma cidade grande, um relacionamento sincero pode ser construído aos poucos e com contrastante calma, entre encontros e desencontros, escritas e silêncios. Seguindo pelo caminho dos afetos, “Entre o passado e o presente da vida”, de Adriana Cláudia Martins, mostra literariamente como brincadeiras infantis, com aproximação entre mãe e filha, ao escaparem do controle, podem permitir que interações familiares mais antigas ressurgam e se curem. Nara Raquel Fonteles Rios, em “Escrever a lápis”, mostra como a morte de um ente pode ensinar, agora de maneira consciente, a continuidade de uma escrita (literal e metafórica) transgeracional. Também enveredando por essa temática, “A prima Vera”, de Coracy Teixeira Bessa, brinca com a estação do ano e o nome da personagem principal, porém, alterando

ODISSEIA
Literária

V. 3, n. 2, 2025

seu principal traço semântico – “primavera” passa a ser o ocaso da vida, e relaciona-se criativamente a um desfecho que instaura outras mortes, literais e metafóricas. Já “Debaixo da jabuticabeira”, de Amanda Alves Mallmann, rompe com a sequência, agora nos trazendo uma cena agradável de uma época juvenil utópica, de afetos ainda não nomeados. Na sequência, Flávio Sanso, com “Águas passadas”, retoma o tema anterior: desta vez, seu texto apresenta como a memória materializada em objeto de apego, ainda que racionalmente “vencido”, é fonte de consolo para um luto ainda não completamente trabalhado. Por outra seara, em “A_veia_hacker”, de Luciane Crippa, deparamo-nos com uma narrativa de ares futuristas, de conteúdo e forma digitais, que encena o necessário enfrentamento de ferramentas “de ponta”, tidas como “revolucionárias” para a humanidade, mas que, em verdade, apenas visam ao lucro de suas empresas. Por seu turno, “Cortejo das sete almas”, de Laís Elaine Martins Soler Bonato, como uma narrativa fantástica, permite um ansiado reencontro entre seres viventes e seus entes não mais alcançáveis. Para fechar, “Presença na oliveira”, de William Roberto Fraga Ramires, também trata de um desejado alcance daqueles que não mais podem ser tocados: dessa vez, por uma materialidade natural, por objeto-símbolo importante à humanidade: árvore frutífera.

Enfim, entre contos de diferentes temáticas e estilos, é possível percorrer uma jornada de reflexões, sentimentos diversos e prazer literário. Boa leitura!

AS CORES CERTAS

Por Sabryna Andrade de Almeida

Estava voltando da escola sozinha, não sozinha completamente, mas sozinha de companhia mesmo. Minha irmã sempre ia me buscar. Íamos a pé e, no caminho, conversávamos sobre qualquer coisa. Quando papai dava dinheiro, a gente até passava na sorveteria, e eu pegava o meu preferido: chocolate com cobertura, e granulado. O seu Juarez, dono da sorveteria, sempre me dava umas balas. Eu adorava quando isso acontecia. Mas, dessa vez, foi diferente.

Meu pai foi me buscar. Bruto igual um cavalo, nem sequer olhou na minha cara direito. Só disse que eu estava muito malcriada e voltou a falar ao telefone. E sinceramente eu sabia... Ele nem queria estar ali.

Naquele dia, eu tinha feito um desenho pra ele. Estou no 4º ano do fundamental, tenho 10 anos, e me chamo Elisa. Na aula de artes, a professora Gláucia disse que a gente podia desenhar o que mais queríamos, mas que era importante escolher as cores certas, do jeito que ela nos ensinou.

E a única coisa que eu realmente queria era meu pai, meu pai por inteiro. Não só aquela parte dele que estava sempre estressada, brava. Queria aquele pai feliz, como os pais que eu via na TV. Então desenhei. Eu e meu pai, felizes, na praia. Nunca fui à praia. Minha família nunca teve tanto dinheiro assim. Somos em quatro irmãos; deve ser difícil, eu acho.

Minha professora fala que todas as crianças são sonhadoras. Talvez eu seja uma criança errada, então. Mesmo assim, colori o desenho com todo o cuidado. Passei o intervalo inteiro na sala de aula para terminar, e fazer a escolha das cores certas, como a Professora havia dito. Fiquei com medo de ele não gostar, mas queria aquele pai feliz, e por um momento ousei sonhar e acreditar que poderia ser uma criança como as outras.

Quando chegamos em casa, tomei coragem. Parecia até que o Papai Noel tinha chegado antes da hora e me dado um presente. Falei:

— Papai, fiz uma coisa para o senhor. Acho que vai gostar.

Ele pegou o desenho. Me abraçou e agradeceu. Aquele abraço apertado me deixou tão feliz que, por um momento, esqueci de tudo, achei que ele tinha gostado de verdade.

Depois, fui perguntar à Carla por que ela não tinha ido me buscar. Descobri que ela tinha levado uns coros da mamãe por estar de conversa com o filho do seu Alonso. E assim terminou o dia. Comi, fugi do banho e capotei na cama em um instante.

Na manhã seguinte, acordei cedo. Queria me arrumar bem, porque era dia de ler na frente da turma, e eu precisava estar cheirosa e

arrumada. Levantei, fui até a cozinha tomar leite e... vi meu desenho no lixo.

Fiquei parada por um instante. O que eu tinha sentido ontem desapareceu como o vento, junto aos sonhos que haviam aparecido em mim.

Naquele momento, entendi: nunca teria meu pai por inteiro. Talvez eu devesse ter escolhido outras cores.

WENDY

Por Heitor Manoel de Menezes Ferreira

Eles se lembram de estranhar o sol forte por detrás da janela naquela manhã fatídica. Em plena primavera, em meio a uma frente fria, numa região tão afetada por monções... Aquele calor não era normal. Muito pelo contrário, era quase impossível.

Mas de alguma forma aconteceu, o casal constatou ao sair. Nada da névoa espessa circundando as montanhas e o lago... E ela estava lá ainda na noite anterior. Parecia um dia de verão: nenhuma nuvem no céu, o clima abafado. Toda a habitante da cidade permitiu-se alguns segundos de admiração incrédula aos céus antes de voltar aos seus afazeres.

Foi quando aconteceu. A cidade inteira presenciou (visto que não era de fato muito grande), o que por um segundo pareceu a descida do sol. A bola de luz pairou, estranha, no meio do lago. E então mergulhou, tão fundo e tão rápido que se não fossem as pequenas ondas formadas ninguém teria percebido. Pouco depois o jovem casal foi informado de que pescadores haviam resgatado uma pessoa no lago.

Ela acordou dois dias depois, ao som do primeiro trovão que, com sorte, traria a normalidade de volta à região. Ela olhou ao redor com mais curiosidade do que medo no olhar, uma fascinação impensável para com as sombras que dançavam nas paredes. Não lembrava o próprio nome, de onde era e nem como chegara ali. Sua voz, seus olhos e seus gestos eram muito doces, o que certamente tranquilizou seus anfitriões, pais de um filho pequeno. Ajudaram-na como podiam, informaram-na de que já tinham tomado providências para encontrar familiares e conhecidos dela, de que cuidariam dela até que tudo fosse acertado e que, claro, ela não tinha nenhuma pressa para se lembrar de algo. Estava segura.

Os dias passam vagarosos. Ela é gentil, muito tímida, e ajuda sempre que pode. A criança a adora, e ela a adora. Os dois brincam juntos com frequência. As lembranças parecem que nunca vão voltar.

Um de seus anfitriões é músico. Seus ensaios se estendem por horas a fio e por vezes a garota congela com a sensação de que algo na música lhe soa familiar. Nada nunca lhe vêm à mente, porém. Seu outro anfitrião, que ela já considerava um amigo, certa vez lhe perguntou como algo que parecia familiar não podia despertar nenhuma memória. Ela disse que era como o silêncio: ela conhece ele, sabe que já compartilhou muitos momentos com ele, e mesmo assim não há qualquer memória quanto às circunstâncias disso.

Quando o inverno chegou e o clima tornou-se mais seco, a criança levou-a até o lago para brincar. As duas figuras observaram a paisagem de tal forma que era difícil definir quem estava mais encantado. A garota volta dias depois, sozinha, e dada a sua

ODISSEIA
literária

V. 3, n. 2, 2025

amabilidade acaba ajudando alguns pescadores a vender peixe. Eles a reconhecem, é claro, e antes que o dia termine a levam de barco ao meio do lago, onde a encontraram. Nenhuma memória chega.

Ou foi o que ela pensou. Enquanto ajudava na cozinha, cantarolando, o casal – por que, sim, às vezes eles diziam frases inteiras em uníssono, um fato curioso visto que suas personalidades eram verdadeiramente contrastantes-, perguntou-lhe que música era aquela. Ela não soube responder. Sua mente dizia-lhe que ouvira do lago – não dos pescadores, nem dos transeuntes, nem dos comerciantes ou dos pássaros, mas do lago.

Não havia letra, mas um aplicativo no celular ajudou a encontrar a canção, que pertencia a um filme – Wendy. Eles uniram-se para assisti-lo. Era bonito e familiar, mas não trouxe novas memórias. Passaram a chamá-la assim, de toda forma. Era tão estranho. Em Peter Pan as crianças não crescem nunca. Wendy, no entanto, parecia rejuvenescer conforme os dias passavam, sem que ninguém percebesse. Quando chegara teria facilmente quarenta anos – agora não parecia ter mais de vinte. Assistiram outras versões. Nada.

Os silêncios das tardes sem treinos do músico passaram a ser preenchidos pela canção. Wendy e a criança cantarolavam-na juntos enquanto brincavam ou quando assistiam ao pôr do sol. Ao longo de uma única semana Wendy passou a ter doze anos.

Foi quando o detetive ligou. Apressados, a família se dirigiu ao departamento de polícia nas vésperas de um feriado. Wendy aguardou pacientemente em uma sala de interrogatório, completamente sozinha. Viu-se fantasiando uma situação onde descobriram que ela era uma ladra famosa. Ficou tão bom que ela acreditou. O detetive encontrou-a chorando quando finalmente veio a ter com ela. Riu-se quando ela explicou. Era um cara grande, mas gentil. Principalmente com crianças choronas.

Ela tinha sete anos quando saiu da sala – e foi como se ela nunca estivesse lá. Como se a família nunca tivesse atravessado a cidade, em véspera de feriado, para descobrir a origem da garota. Não havia origem – ela pertencia àquele lugar. Àquela cidade. Àquela família.

Wendy não veio de uma bola de fogo que caiu num lago e cuspi-lo-á. Ela foi adotada, tal qual seu irmão mais novo, por um casal composto por um músico monossilábico e o beberrão mais inteligente da cidade em que nasceu. Cresceu numa cidade pacata, afetada por fortes monções, com uma coleção de avós e avôs que ela fez durante a infância – pescadores e suas esposas, que ela e o irmão ajudavam a vender peixe numa competição amistosa.

E nos pôr-de-sóis mais bonitos, ela cantava até o entardecer. E assim o foi toda a vida.

ESCREVA SOBRE A MINHA ANGÚSTIA

Por Rafael Augusto Nogueira Cimmino

Desligo o computador, já exausto do trabalho, atravesso a porta para o quarto e me joga na cama, sentindo meu corpo doído, mas não durmo. Sei que se deitar e não dormir é algo normal, é que hoje estava querendo o avesso. Fico olhando o teto em vão, em branco, com certa dúvida sobre o que eu deveria ver. Sob a luz pálida do celular, tento me convencer se esse é um bom momento para continuar o livro que estava lendo, um romance recente de Machado de Assis, um cyberpunk realista e cheio de digressões irônicas. Isso dá um novo sentido ao "póstumo autor".

Eu não achei nada demais desde a primeira vez que li um desses romances da I-Author, mas pareciam possíveis. Saem autorizados, com o nome do autor e tudo mais. Sei lá se precisava. Eu compro. Talvez faltasse ao cânone de Machado a menção ao coaching, faltasse um conto sobre ouvir o que se quer ouvir, tipo uma cartomante. E digo tipo porque coaching é bem diferente. Pois não tinha como ele prever todas essas coisas de hoje. É claro que não... pois aí seria como se os tempos mudassem e o homem continuasse sempre o mesmo. O que é balela, obviamente. Clarice é outra com inéditos. Suspeito que o coração selvagem tenha se mantido o mesmo mutável liberto de sempre, precisávamos de um novo coração? Simplesmente não sei, eu só leio. Clarice nunca antes foi tão Clarice quanto é hoje, inconfundível, talvez menos Clarice por isso? Não sei, mas por algum motivo eu compro.

Escrever não é mais uma questão de pensar, mas de precisão no que se quer, o resto o I-Author faz. E se você comprar, está valendo. Questão de valia. Às vezes, me pergunto se algum dia isso foi diferente. E me lembro de quando eu escrevia para me saber vivo. Hoje eu poderia ser dado como morto e ainda teria meus livros publicados bienalmente até sabe lá quando.

Larguei mão de escrever depois que personalizei a escrita da minha I-Assistant, outra ferramenta da I-Agency. Deixo ela escrever tudo por mim, até os meus e-mails. Eventualmente ela faz algumas postagens para mim no instagram e responde alguém no whatsapp. Se bem que tento gerenciar eu mesmo as conversas no zap, pois a IA pode até se passar por Machado de Assis, mas ainda é péssima para escolher uma figurinha. E se por acaso é algum olho humano respondendo a conversa, fica achando que eu não tenho timing de piada. Eu talvez não tenha, mas isso a IA podia disfarçar.

Foi do suposto conforto desse ninho que surgiu a minha revolta, deitado na cama sem dormir, fingindo sono. Queria palavras para me expressar, mas sentia que havia perdido todas elas, como um teclado sem teclas, sem letras ou dígitos.

ODISSEIA
literária

V. 3, n. 2, 2025

O teto branco me lembrou daquela sensação antiga de página branca, vazio por vazio, a sensação de encontrar uma palavra para colocar ali. Uma pequena palavra num teto enorme, na imensidão da folha de um bloquinho de notas. A certeza de que se alguma palavra aparecesse ali seria colocada por mim. Minha palavra. Quero saber de quem são as palavras abaixo do meu nome, dentro dos meus livros. De onde vieram?

Penso nisso tudo sem saber o que dizer, mas com uma ideia na mente. A única ideia. Corro para o computador, abro a IA e peço: escreva sobre a minha angústia. Magicamente as palavras surgem aos saltos na tela. O texto começa comigo, indo me deitar e sem dormir. Termina com essa minha tênue ideia da qual não escapo mais, pedir, pedir...

JARDIM

Por Letícia Giovanna Souza Doraceni

Desde o início de minha puberdade, aprendi que corações indesejados adoecem. Assisti a muitos colegas ao meu redor se perderem por isso, enquanto percebia outros que se resguardavam tanto que nem sequer permitiam que o pensamento do amor passasse por suas mentes. Contudo, desde muito jovem, foi-me dito que eu era uma rara exceção, alguém fadado a passar por isso de novo e de novo, sem que isso me destruísse completamente.

A primeira vez que experimentei os sintomas foi com os inocentes dentes-de-leão. Simples, o começo de um sonho que poderia alcançar lugares nunca imaginados por mim. No entanto, ela sequer reconhecia minha existência. Isso me sufocou na época, ainda mais por ser um sentimento tão novo.

Dizem que a primeira pessoa por quem você se interessa raramente é um amor verdadeiro, talvez apenas uma paixão fervorosa. Também dizem que essa pessoa molda seus futuros amores, e, com isso, tenho certa relutância, ainda que não esteja completamente contra. O que posso concluir é que, mesmo não sendo recíproco, tal sentimento não me matou.

Muito tempo depois, foram narcisos que cresceram e tomaram conta de mim por um período. Tanto tempo gasto com alguém que não teve nem a decência de guardar sua língua ríspida e traiçoeira para si. Um pouco da minha essência foi tirada ali, mas eu perseverei.

E foi assim que encontrei a primeira pessoa que não fazia flores estúpidas me machucarem e me sufocarem, mas sim me trazia flores. Que me abraçava, me escutava e vivia comigo. Porém, nada dura para sempre, principalmente coisas boas, tão invejadas até por aqueles que já possuem o seu bem.

Muitas tentaram se aproximar, deixando meu coração apertado, pois eu sabia que o pior as esperava, já que era eu quem não as queria, naquelas vezes. E se engana quem acha que apenas aqueles que sofrem por amor romântico são afetados. Amizades tóxicas também são grandes causadoras do fim de muitos.

A primeira vez que uma amiga me fez sentir tal gosto amargo, belas pétalas roxeadas tomaram forma, formando acônitos em meu ser. Tudo isso por toda a dedicação dada a alguém que mais retribuía desprezo e decepção. Tanto dei, compreendi e aceitei, apenas para que aquelas raízes me fizessem vomitar por dias.

A segunda, acredito, nem teve a intenção de me machucar. No entanto, foi por causa dela que dalias negras me sufocaram. A quem confiei, com quem compartilhei tanto de mim, e quem eu acreditava ser quase meu próprio espelho, revelou-se completamente diferente de

mim. Pois, no lugar dela, eu não teria ido embora, e, pior ainda, não teria traído nem quebrado o que havia de bom entre nós.

Tudo por causa do reluzente girassol que cruzou nossos caminhos. Amarelo, a cor que demanda cautela, pois seu brilho pode machucar o olhar alheio. E foi isso que aconteceu comigo, quando ela passou, deixando um rastro de dor e amargura. Ela era vívida, porém assassinou o laço de irmandade que eu havia criado com a segunda. Talvez esse fosse o plano das duas, afinal.

E então vieram as gêmeas. Não porque fossem iguais, mas porque eram quase como a lua e o sol. Entretanto, estavam sempre tão próximas que suas energias se fundiam e se equilibravam.

A flor-da-lua foi a que me sufocou primeiro, enchendo meu coração de espinhos. Sim, espinhos. Ela amava as rosas; o vermelho ardente era atrativo, porém eram os caules que a interessavam. Gostava de cortar as graciosas flores para vê-las sofrendo por sua causa. Ainda que acariciasse os espinhos para que se sentissem amados, era por um curto período, é claro.

Já a margarida... Existe uma razão para a brincadeira do “bem me quer, malmequer” ser feita com ela. A lealdade jurada por ela pode iludir qualquer um. E me iludiu. Eu nunca precisei contar com a sorte para saber que a resposta não era a que eu queria; nem sequer ela olhava para mim. Ainda assim, uma grande admiração crescia em meu olhar, estendendo-se para o meu peito. E, apesar disso, eu sobrevivi. Aliás, margaridas estão um pouco batidas, não?

Todas as vezes que essas flores cresceram dentro de mim, pensei que seria o fim. Que nunca me curaria de tamanha intoxicação que tanto mexia com o meu íntimo. E foi aí que comecei a cuspir rosas. Parecia incômodo de antemão, as pétalas quase me engasgavam. Era difícil lidar com elas. Mas eu nunca mais fiquei doente. Sim, elas eram do vermelho-sangue que tanto cuspi ao longo dos anos, porém não me adoeciam. Era um respiro profundo, e não uma parte de mim sendo destruída.

Hoje planto rosas. Assim como uma rosa desabrocha lentamente, eu também desabrochei. As pétalas que se abriam representam cada camada sendo revelada, e os espinhos não mais me machucam, apenas me fortalecem. A rosa, em sua perfeição natural, simboliza quem sou, com todas as minhas "pétalas" belas e "espinhos" que agora me fortalecem.

DESTINOS CRUZADOS

Por Djalma Silva Pereira

Tony e Toinho. Dois Antônio. Mesmo nome. Mesma cor. E as coincidências param aí.

Antônio, 25 anos, estudante universitário. Tony sempre gostou de estudar, filho único, via nos estudos o seu passatempo. Desde criança queria ser médico. O cuidado pelas pessoas lhe encantava. Mas de onde viera essa paixão pelo cuidar, pela medicina? Tony não teve em quem se espelhar. Seu pai tinha uma barraquinha de frutas na feira, sua mãe trabalhava fazendo faxina. Seus tios paternos e maternos tinham diferentes profissões: pedreiro, estofador, gari, balconista, dona de casa... Na vizinhança, nada de diferente. Na TV, pessoas como ele nunca vestiam o jaleco branco de médico. Sendo assim, de onde viera a paixão pela medicina?

Se essa pergunta fosse feita ao próprio Tony, creio que nem ele saberia a resposta. Há coisas que não têm explicação. Tony foi o primeiro e único filho, primeiro neto, primeiro da família a entrar na Universidade Federal, primeiro médico entre os moradores do bairro. Desde muito criança sempre gostou de estudar, sempre tirava as melhores notas. O que lhe deixava triste e aborrecido era quando não conseguia entender direito determinado assunto. Sempre amou ciências, biologia, química e física. Sempre teve dificuldade em disciplinas de humanas. Nunca reprovou um ano, nunca fez uma recuperação.

Criança tímida, de poucos amigos, não tinha irmãos, por muito tempo não teve primos. Seu maior passatempo era a leitura. Devorava mil livros em um ano. O tempo foi passando e a decisão de fazer medicina foi ficando cada vez mais forte na mente de Tony. Estudante de escola pública, sabia que não seria uma tarefa fácil. Entretanto, os três anos do ensino médio, dedicados ao estudo integral, valeram a pena. Pela manhã, aula no colégio. À tarde, ia para a Biblioteca Municipal estudar. À noite, aula no cursinho comunitário oferecido por estudantes da Universidade que ele tanto almejava ingressar.

Ao final dos três anos de muito esforço e dedicação, a recompensa veio: aprovado para o curso de medicina. Tony sabia que os próximos anos não seriam fáceis. Ele, provavelmente, seguiria abrindo mão de muitas coisas em prol do seu grande sonho de ser médico. Tal sonho só foi possível porque a Universidade era localizada na sua cidade. Ele não precisou se mudar, se preocupar com aluguel e tantas outras coisas que estudantes na condição dele se preocupariam. Seus pais não teriam condições de mantê-lo em outra cidade. Ainda assim, se não fosse o auxílio alimentação que conseguira na Universidade, sua vida universitária talvez não tivesse sido concluída. Ele passava o dia inteiro na Universidade e não teria como pagar por sua alimentação fora de

casa todos os dias. Com a política assistencial da Universidade ele conseguia realizar o café da manhã, o almoço e o jantar.

Em meio a tantas outras dificuldades, enfim, após 6 anos de curso, ele conseguiu se formar em medicina. Médico. O primeiro e único médico da família, da vizinhança. Um médico negro que seria uma grande inspiração para seus primos, para as crianças e adolescentes do seu bairro. Ele que nunca teve alguém como espelho, agora era o espelho de muitos.

Após a conclusão do Curso de Medicina, outra etapa importante iniciara em sua vida: a Residência Médica. Ele saiu do interior rumo à capital em busca do sonho de ser Dermatologista. A vida na cidade grande foi regada por muitos desafios. Pela primeira vez longe da família, pela primeira vez sem morar na mesma casa que os pais. Já não conseguia ir para a faculdade a pé ou com sua bicicleta. Teve que se adaptar aos ônibus. Já não podia mais ir para a aula escutando música no fone de ouvido. Já não se sentia seguro em caminhar pela rua a certo horário do dia ou da noite.

E, então, em uma segunda-feira de junho, ele descobriu que não deveria estar naquele ponto à espera do ônibus que o levaria até o hospital para mais um dia de trabalho e estudo. Naquele dia, não foi um ônibus que o levou ao hospital, mas sim uma ambulância. Um assalto mal sucedido lhe rendera uma bala cravada no abdômen. Do outro lado do revólver estava Antônio, 14 anos.

Toinho era cria de comunidade. Era o terceiro no total de sete filhos. Sete filhos, três pais diferentes. Toinho era o primeiro filho do segundo pai. O primeiro pai havia abandonado a mãe com os dois filhos pequenos. A família de sete filhos, juntamente com a mãe e o atual marido viviam em uma pequena casa, contendo dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. A idade dos filhos era entre 17 e 2 anos.

Toinho nunca gostou de estudar e nunca teve o estímulo da sua mãe ou do pai para os estudos. Seus pais eram semianalfabetos e não viam o estudo como prioridade. Prioritária era a forma em colocar dinheiro em casa, seja da maneira que fosse. Então, desde muito novo, Toinho ajudava seu pai, em seguida, seu padrasto, em pequenos trabalhos na própria comunidade em que morava. A partir dos 9 anos, ele já se virava sozinho com os garotos da vizinhança vendendo balas no semáforo e nos pontos de ônibus. Foi pouco antes dessa idade que Toinho começou a fazer os primeiros furtos, na companhia de seus amigos da comunidade, a maioria mais velhos que ele. Eles aproveitavam de pessoas distraídas na praia, em shows, nos shoppings... Esses pequenos furtos eram sempre feitos fora da comunidade, já que lá era proibido roubar.

Conforme foi crescendo, Toinho iniciou no mundo do tráfico, além de ser usuário de drogas, fazia alguns serviços para os traficantes da comunidade. Com o tempo, foi se desenvolvendo e ganhando notoriedade no tráfico local, até possuindo uma arma. A partir de então,

além de furtar pessoas distraídas, ele também fazia pequenos assaltos, inclusive com o uso da arma. Entretanto, como todo e qualquer garoto adolescente, Toinho gostava de curtir a vida, se divertir. Amava ir à praia nadar com os amigos e adorava os bailes da comunidade, que aconteciam todo final de semana.

Naquela segunda-feira, Toinho voltava para a casa depois do baile. Ele ia tranquilo. Tinha curtido a noite inteira até o dia amanhecer. Ao avistar um jovem com mochila nas costas e celular na mão, distraído. Ele viu a oportunidade de levar alguma coisa para casa. Foi então que ele se aproximou e de supetão puxou, primeiro, o celular e, em seguida, a mochila. Nesse momento, o jovem médico se assustou, em uma reação desesperada tentou travar a mochila em seu corpo com o braço. Agiu sem pensar. A essa reação, Toinho não pensou duas vezes, sacou a arma, atirou e saiu correndo com a mochila e o celular. Jogado ao chão, ali ficou o jovem Tony. A espera pelo ônibus foi substituída pela espera do socorro.

Tony e Toinho. Dois Antônios. Mesmo nome. Mesma cor. Dois destinos, que (infelizmente) foram cruzados.

ELA PRECISOU IR

Por Silvia Ribeiro Guimarães

Foi um domingo, início da manhã, que Pétala saiu para passear na orla com o seu cão Sun. Era um domingo diferente, Pétala acordara disposta e estava um dia agradável. Durante o passeio, sentou para tomar uma água de coco e contemplar o mar. Eis que se aproxima um homem, parecia um pouco mais velho que Pétala, estatura mediana, olhos escuros, semblante amigável, chamado Hérran. Ele passeava com um lavrador, Samurai. Na primeira oportunidade puxou assunto e conversaram como se já se conhecessem, descobriram gostos em comum, mas ficou só nisso, despediram-se.

Na manhã seguinte, voltaram a se encontrar, caminharam juntos com seus cães e os encontros tornaram-se cada vez mais frequentes. Descobriram que moravam no mesmo prédio. Tudo parecia se encaixar tão perfeitamente; mesmos gostos, eram vizinhos, então, trocaram telefone, as conversas eram constantes e combinaram de sair para jantar. Não demorou muito, eles iniciaram um namoro e logo Pétala foi pedida em casamento. Sobre a família de seu companheiro ela não sabia muito, ele era reservado e eram poucos os familiares dele que ela conhecia. Hérran tinha um temperamento um pouco explosivo, mas por estar tão apaixonada, Pétala acreditava que com o tempo ele iria mudar.

Nos primeiros meses de casamento o convívio era tranquilo, mas logo Hérran começou a opinar sobre as roupas que Pétala usava para trabalhar. Ela de início gostava, achava que ele falava por amor, que era uma forma de cuidado. Opinar sobre a roupa foi a primeira interferência. Logo, ele passou a controlar com quem ela poderia falar, sair, vigiava o celular de Pétala. Ela passou a viver só para ele, pois, até do trabalho precisou sair.

Quando ela percebeu que ele estava exagerando e falou em se separar, ele começou a depreciá-la, falando que ela não encontraria outro homem como ele, que ela já não era tão jovem nem tão bonita. Ela descobriu que estava grávida e achando que seria melhor para o filho, resolveu ficar. Ele dizia que tudo seria diferente, que iria mudar a forma de agir, mas bastava a mulher querer voltar a trabalhar, ou querer visitar familiares e amigos ele já se alterava. Chegou a ponto de agredi-la fisicamente. Por estar desempregada, a família distante e com um filho para criar, ela ficou. Veio o segundo filho e tudo se repetia, eram agressões físicas, psicológicas seguidas de promessas e supostos arrependimentos, mas ele não se arrependia.

O tempo passava e mesmo com a chegada do terceiro filho ele não mudou. Embora quisesse ir, isso para ela era deixar para trás sonhos, um ideal que ela havia construído. Como uma mulher fora do mercado de trabalho, com três filhos iria se manter?

Com os filhos ele era carinhoso, supria as necessidades das crianças e nunca as agrediu. Sabendo disso, com muita dor, por não aguentar mais ser humilhada, agredida verbalmente e fisicamente, certa noite, quando ele adormeceu, ela despediu-se dos filhos e partiu. Não sabia o que fazer, não sabia a quem recorrer, partiu.

Chegou de carona em outro estado, bateu de porta em porta até conseguir um emprego, mas no emprego não aceitavam mulheres com filhos. Ela precisava do emprego, embora a dor de ficar longe de seus filhos fosse grande, ela precisava preservar sua vida, já não aguentava mais viver com aquele agressor.

Planejou trabalhar, economizar dinheiro e retornar para levar as crianças, mas quando isso conseguiu, eles não moravam mais na mesma casa. Mudaram e não deixaram rastro. Pétala nunca imaginou sentir tamanha dor. Continuou em seu trabalho e empenhou-se em descobrir o paradeiro de seus filhos.

Anos se passaram, a busca continuou. Depois de muito tempo, como presente do destino, encontrou uma antiga vizinha que a informou que Hérran havia falecido por uso abusivo de álcool e que as crianças haviam sido adotadas. Aliviada por saber que não seria mais ameaçada por seu agressor, aliviada por saber que seus filhos foram adotados e continuavam juntos, respirou e agradeceu aos céus.

Moveu céus e terras e conseguiu descobrir o novo lar de seus filhos. A família adotante não escondeu das crianças que eles haviam sido adotados e sempre os apoiou a procurarem sua família de origem, caso desejassem. Eles desejavam! Depois de dores, saudades e lutas, mãe e filhos se reencontraram, se entenderam. Se perdoaram? Havia algo a perdoar? Ela tinha escolha? Só quem passa na pele, o que Pétala passou, pode opinar.

Ao reencontrar seus filhos, ela dedicou boa parte da sua vida palestrando para mulheres, acolhendo histórias e compartilhando suas vivências. Por muito tempo sentiu-se culpada, quando ela era a vítima. Quem passa por violência doméstica, por muitas vezes acha que de fato é culpada por estar sendo agredida, acredita que o agressor vai mudar. Mas ele não muda! Ele diz que se arrepende, mas depois volta com todas as agressões físicas, psicológicas, patrimoniais e, o quanto antes se libertar deste ciclo de agressões, melhor.

Não é fácil, por muitas vezes a mulher sente-se solitária, mas é por isso que Pétala se empenha tanto em compartilhar sua experiência a fim de orientar outras mulheres, para que elas saibam a quem recorrer e que elas não estão sozinhas e, a culpa é sempre do agressor.

ENTRE LINHAS

Por Eduardo Felipe Rocha Vieira

Era uma tarde inquieta de maio na Praça da Sé. Sob o peso das catedrais, as pombas arrulhavam como se em prece, enquanto o sol filtrava-se com dificuldade pelas nuvens densas. Nas bancas de jornal, o cheiro de papel e tinta competia com o aroma de castanhas torradas de um ambulante. A atmosfera carregava algo de opressor, como se a cidade respirasse memórias não ditas.

Maria Clara, ou apenas Clara, sentou-se num banco de madeira gasta, com um caderno encardido em mãos. Nordestina, havia deixado o sertão do Ceará em busca de algo que nem mesmo sabia nomear. Carregava no olhar um mundo de perguntas, e o sotaque macio era sua única companhia verdadeira na cidade que a engolia todos os dias. Trabalhando como atendente em um café, Clara encontrava ali, na Praça, um refúgio de silêncio para escrever.

Naquela tarde, deixou o caderno ali. “Esqueci ou quis esquecer?”, pensou mais tarde, quando percebeu sua ausência. No fundo, sabia que precisava que algo ou alguém o encontrasse.

Dias depois, João Gabriel, carioca de riso fácil mas alma inquieta, vagava sem rumo após mais uma manhã de entrevistas frustradas. Era publicitário, ou ao menos fora, antes que a falta de emprego o obrigasse a trocar as ideias criativas pela sobrevivência. Ao sentar-se no banco da Praça, seus olhos pousaram no caderno esquecido. A curiosidade venceu o bom senso: ele o abriu.

As primeiras páginas estavam repletas de frases soltas, pequenas poesias em prosa. Clara escrevia como quem sangra: “O mundo é um mar de silêncio, mas aqui dentro tudo grita”. João, intrigado, deixou um bilhete entre as páginas. Apenas uma frase: “E se o silêncio gritar de volta?”.

O caderno retornou ao banco, como um segredo entregue ao vento. Quando Clara o encontrou de volta dias depois, estranhou a intrusão. Mas a frase escrita com letra firme era irresistível. Ela respondeu: “Se gritar, não sei se saberei ouvir”.

Assim começou o diálogo entre os dois desconhecidos. Clara, nas pausas do trabalho, enchia páginas com suas memórias do sertão, o cheiro da terra molhada após a chuva, o canto do vento cortando os galhos secos. João respondia com imagens do mar, a espuma salpicando seus pés, as ondas que pareciam prometer um além que nunca vinha. Ambos escreviam sobre uma solidão que os conectava.

Até que algo mudou.

Uma noite, Clara passou pela Praça e percebeu que o banco estava vazio. O caderno havia desaparecido. Durante dias, ela esperou, um vazio crescendo dentro dela. Quando finalmente o encontrou, de volta ao mesmo lugar, havia um desenho: duas figuras pequenas, sentadas em extremos opostos de uma ponte quebrada.

ODISSEIA
literária

V. 3, n. 2, 2025

João também esperava. O ato de escrever para Clara era uma fuga, mas também um risco. Começava a perceber que havia algo extraordinário em suas trocas: palavras que pareciam surgir de um lugar que ele não sabia nomear. Como se, através do caderno, suas almas se tocassem sem jamais se verem.

Era fim de tarde quando Clara tomou coragem. Deixou no caderno uma mensagem diferente: “Se você realmente existe, venha me encontrar aqui, neste banco, ao entardecer de domingo”.

O domingo chegou carregado de nuvens. João, com o coração acelerado, hesitou. Pensou nas vezes em que quase desistira de tudo, na incerteza do que poderia encontrar. Mas foi. No fundo, sentia que era inevitável.

Quando Clara o viu, algo familiar a atravessou. Ele também parou, o caderno nas mãos. Ambos se encararam por um momento longo demais, como se o tempo se dobrasse ali, naquele instante.

— Você...— ela começou, mas calou-se.

— Sempre estivemos aqui — disse João, como se soubesse.

E então vieram as lembranças. Os encontros perdidos no vagão do metrô; as vezes em que cruzaram a mesma esquina na chuva; os olhares que quase se encontraram nas feiras de rua. Descobriram que haviam compartilhado uma cidade inteira sem nunca se perceberem. Até o caderno os juntar.

Naquele banco, sentaram-se lado a lado pela primeira vez. Por minutos, não falaram nada. Apenas sentiram o peso das palavras que haviam escrito e o silêncio do que não precisavam dizer.

Quando o entardecer cedeu à noite, Clara olhou para o caderno aberto entre eles e sussurrou:

— Parece que o silêncio finalmente gritou.

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE DA VIDA

Por Adriana Cláudia Martins

Ela sempre aproveitava os minutos de sossego, um encontrar-se consigo mesma, depois das horas de aula. Pela calçada da vizinhança, nas ruas próximas à casa rosada que ela herdara e no movimento pensativo, chutava as folhas de plátano deitadas ao chão em mais um outono de sua vida. Abre o portão que se arrasta. É a pequena Ana quem a recebe, sorrindo e correndo em pulinhos, quase tropeçando nas pedras soltas do jardim. Com um jeito pidão, apesar de já ter cinco anos, ela sempre está ansiosa pela chegada da mamãe que parece estar cansada do trabalho.

- Ah filhota, você está com soninho?! Ana confirma e já vai puxando a mãe pela mão para sentarem no balanço de madeira maciça, por anos instalado depois dos três degraus, que são desalinhados e sem conserto, no canto da varanda de entrada.

A pasta com os livros didáticos fica no terceiro degrau e, por fim, as duas se embalam, deixando os cabelos, de uma e de outra, serem levados pelo vento do final da tarde sem sol, com sorrisos de mãe e filha, sempre próximas e, praticamente sozinhas naquele lugar. É dona Bernadete quem interrompe os pensamentos das duas. Ana, quase dormindo, nem percebe a querida babá, que em um sussurro se despede de sua mãe e fecha o portão, fazendo tanto barulho para fechá-lo que abafa a aproximação do ônibus, cuja parada é bem em frente. Dona Bernadete, antiga conhecida do motorista, consegue adentar em tempo no transporte público.

- Mamãe, vamos fazer brincadeiras?! Ana acordou com a movimentação do portão ou da rua e, agora, traz sua mãe de volta para a realidade. – Vamos, por favor!

- Ana, de que queres brincar?! Já sei, vamos brincar sobre a noite que está chegando, então precisaremos tomar banho e dormir, pode ser?

- Nem pensar, mamãe. No mesmo instante, Ana corre para o quintal e mostra um buraco cheio de água próximo à roseira já desprovida de flores. – Olha só isso, mamãe, dona Bernadete e eu fizemos uma piscina para minhas *Polis*. Quer ver? Juntas, as duas começaram a retirar as bonecas miniaturas de Ana da poça de barro. Colherinhas, panelinhas, pratinhos de plástico rosa, e agora, totalmente meleçadas.

- O que é isso minha filha? Quem teve esta ideia? Como tem tanta água aqui? Foi ao tentar retirar as roupinhas e sapatinhos das pequenas bonecas que estavam na lama, que o cano de água estourou de vez. – Socorrooooo!!! Exclama a pobre mãe. Ao ver a mãe suja de barro, rosto, cabelo e uniforme de professora irreconhecíveis, Ana, com gargalhadas, declara:

ODISSEIA
literária

V. 3, n. 2, 2025

- Eu sabia que você ia gostar de brincar, mamãe!

Mãe e filha riem. As duas sujam o rosto uma da outra com os dedos enlameados e retiram os brinquedos restantes da poça de barro, com um cano vazando para todos os lados. Acabaram escorregando na lama. Nem perceberam que alguém se aproximava da calçada, por trás do muro em que as duas estavam caídas.

- Tudo bem aí meninas?! Era o seu Marcelo, jardineiro da avó paterna de Ana. Em um susto, as duas se equilibram em pé e declararam:

- Simmmm!

Seu Marcelo ria e, ao mesmo tempo, olhava apavorado para a aguaceira que já alcançava a rua. Com um gesto preciso, ele ajuda as duas a se deslocarem até a escada e volta para a poça de água, aproximando-se do esguicho para vedar, com a mão, o vazamento. Olha para as duas e declara:

- Poderiam me trazer uma fita isolante que está na caixa de lenha, aí do lado do banco? – Vou tentar consertar isso. Ah.... Lembro bem que cano é este. Murmura seu Marcelo, enquanto Ana deixa sua mãe pegar a fita e ir ajudá-lo, ficando sentadinha e assistindo aquele cenário incrível de sua piscina de bonecas.

Marcelo continua vedando o cano. Ana observa sua mãe meio nervosa, retirando a água de dentro da poça, puxando ainda mais brinquedos atolados para que ele consiga passar a fita e fazer logo o conserto. Estavam quase finalizando quando...

- Seu Marcelo, tem algo que não consigo puxar aqui, acho que não é brinquedo, parece liso, talvez um vidro... - Pode me ajudar?!

Um pote que antigamente usado para conservas e compotas de pêssegos, peras, pepinos e abóboras estava agora nas mãos dos dois trabalhadores e em meio ao barral daquele inundado jardim. Ela tenta abrir, mas fica ansiosa e já estava pronta para jogar o vidro no canto do murro, quando, por fim, a trava enferrujada do pote se rompe. Nele, um saquinho plástico protege um bilhete, cujas letras cursivas e precisamente grafadas informam: *Para Sofia, minha nora, com amor.*

Sofia, sem tirar os olhos do tesouro encontrado, limpa as mãos na parte de trás da calça do uniforme e abre o bilhete para ler, mesmo no entardecer daquele jardim.

- Mamãe, o que é isso que você achou na piscina das Polis? Pode mostrar para mim? É uma carta do Papai Noel, mamãe? Ana curiosa e sempre apaixonada por letras e pelo Natal, apesar de ainda não dominar o código escrito da língua, saiu da escada e foi para perto de sua mãe, até conseguir puxá-la pela mão para sentarem juntas sob a luminária da varanda.

Seu Marcelo, que já tinha finalizado o conserto, ficou quieto a observar as duas. Sorriu de canto e se sentou na velha escada, enquanto ouvia a nora de Dona Maria lendo a carta:

Cara Sofia,

Narro uma história que estará em segredo com dona Bernadete e seu Marcelo, meus amigos de confiança e da vida toda. Talvez, logo, eu não mais esteja neste lugar em que as folhas de plátano caem sobre o jardim a cada outono e antes do Natal; ou, que as roseiras decoram e perfumam a cada nova primavera; talvez, e eu não sei quando, mas espero que seja em meio a sorrisos que esteja lendo minha carta. Preciso te dizer que meu filho Gustavo, teu namorado, quem nos deixou tão cedo, era apaixonado por ti. Ele estava em viagem para o interior para ver uma casa de campo para vocês, pois desejava te pedir em casamento. Eu sei, tudo aconteceu e eu fiquei revoltada, porque naquele instante que eu soube do desastre, eu entendi que o falecimento dele era por sua causa. Nunca mais eu pude falar contigo... Sofia, Gustavo me falou que estás grávida e eu, provavelmente, não estarei aqui para ver meu neto ou neta crescer, mas quero que saibas que amamos você e que não és culpada por nada. Sinto muito por você, por mim, pelo Gustavo, por nós todos. Espero que esteja feliz ao ler minhas palavras e que compreenda meu distanciamento de ti desde o acidente!

*Com um pedido de perdão,
Maria.*

No estático movimento de Sofia, ela fica abraçada em sua Aninha quase adormecida, assistindo lágrimas de uma emoção feliz na face do amigo.

Marcelo lembra bem do dia em que Maria chamou ele e a esposa Bernadete, para fazer um pedido. Ela solicitou que cavassem no jardim um buraco para esconder a carta, para que um dia a namorada grávida do filho pudesse encontrar e ler. Foi Marcelo quem encontrou Sofia, dias após a morte de Maria. Na ocasião, foi para entregar a escritura da casa que a sogra havia deixado ao bebê e à própria Sofia. Maria ainda exigiu que a carta fosse encontrada por Sofia depois de um tempo de sua partida. Pediu que criassem um momento feliz para o encontro da nora com a carta.

É ele quem as acompanha até a porta de entrada. No silêncio presente e em diálogo com o testemunho do entendimento sobre o passado, Sofia e Ana se dirigem ao interior da rosada casa, abraçadas, sujas e completamente felizes.

Marcelo fecha o portão e, diante do ruído, lembra que precisa voltar no dia seguinte para um novo conserto do passado na velha e rosada casa.

ESCREVER A LÁPIS

Por Nara Raquel Fonteles Rios

Os cadernos estavam empilhados dentro da gaveta do meio da escrivaninha.

Ao vê-los, Marina tirou mais um dos sacos de cem litros do rolo que já estava quase no fim. Só queria terminar aquela ingrata tarefa, para conseguir dar continuidade ao inventário.

A tia morrera há uma semana. O pequeno apartamento em Fortaleza era alugado e nem seus irmãos e nenhum de seus primos quiseram viajar até a capital para resolver aquela pendência. Por isso, Marina passara os últimos dois dias separando os poucos pertences e a escassa mobília que valiam a pena, para colocá-los em um carroto e enviar para o interior, onde seriam divididos e dilapidados pelos mesmos parentes que não se dispuseram a vir buscá-los.

Marina também não queria vir, mas ficou decidido que, já que ela estava de férias do trabalho na escola e não tinha crianças pra cuidar, deveria fazê-lo. Pois o aluguel continuava a ser cobrado e seria descontado do magro espólio que a tia deixara.

A tia lhe era quase desconhecida, afora as esparsas visitas em natais aleatórios e alguns relâmpagos de memórias de quando os pais ainda eram vivos, ela não tinha ideia de quem era a pessoa que fora dona dos incensos de sândalo, dos ímãs de geladeira e da dezena de potes de vidro com temperos e chás indecifráveis que ela colocara nos sacos de lixo.

A faxina da morte começou por um simples lavar de pratos. Uma caneca com café seco no fundo, uma frigideira suja de ovo no fogão e um coador de plástico com um filtro de papel ressecado. A geladeira deu dó, pois os muitos potes de frango temperado no congelador não aguentariam a viagem de volta. Roupas foram separadas e seriam vendidas a dois reais no bazar da igreja, ao menos aquelas que sobrevivessem ao vilipêndio das cunhadas. Os eletrodomésticos foram limpos e organizados em um canto, a parte mais fácil.

O último móvel a ser desmantelado era a escrivaninha. A escolha de deixá-lo por último não foi consciente. Ou talvez tenha sido. Marina havia subido os seis lances de escada do prédio pela décima vez aquele dia, depois de descer com mais alguns sacos de lixo. Cansada, ela abriu a primeira gaveta que estava cheia de lápis, blocos de notas adesivas, grampeador, cola e um pequeno espelho indiano redondo de moldura dourada que Marina colocou no bolso do macacão, sentindo-se um pouco como uma ladra.

Na gaveta do meio estavam os cadernos. Havia mais de uma dezena deles. Eram de tamanho colegial, baratos, tanto de brochura como de espiral. As capas eram as mais diversas: uma mulher loura de cabelos curtos e óculos escuros; um personagem de desenho animado,

estrelas, flores azuis, a estátua da liberdade, corujas e caveiras adornavam os novos e velhos cadernos.

Marina quase não tinha mais tempo. O homem do carroto chegaria em poucas horas para levar o que sobrara da vida da tia para os legítimos herdeiros. Ela chacoalhou no ar o saco de lixo para abri-lo e pegou alguns dos cadernos de uma vez com uma mão só, mas não chegou a jogá-los no saco. O nome da tia apareceu de relance na capa do caderno que estava na frente, junto dos dizeres “*não abra sem permissão*”. Foi o erro ortográfico que chamou a atenção de Marina. Ela tornou a colocar os cadernos sobre a escrivaninha e abriu o que estava no topo da pilha.

Na primeira página estava escrito em uma letra cursiva pequenininha: “*meu infinito escrito a lápis*” e logo abaixo os números de três anos que haviam ocorrido há mais de duas décadas. Escritas a lápis, seguiram-se páginas cobertas de trechos de livros, citações de autores, humoristas e políticos; fragmentos de músicas transcritos nas laterais das páginas. Um desembesto de listas de filmes vistos, livros lidos e comentários ingênuos ou sarcásticos sobre eles. Muitos versos, poesias ruins que pareciam desabafos, reflexões pessimistas sobre o presente e otimistas quanto ao futuro. A tia deveria ter vinte e poucos anos quando escreveu aquele caderno. Quase a mesma idade de Marina.

Sem dar por si, ela se sentou na cadeira giratória e passou a folhear as páginas, seguindo os pensamentos da jovem tia que eram encadeados entre aquele que foi um dia tedioso, outro que ela prometeu esquecer, um outubro que passou rápido demais e a sensação de estar sempre recomeçando. Ali estava a narração de dias completos ou que se resumiam a uma frase; amores que se revelaram ilusões, queixas de doenças mortais, mas que logo foram esquecidas. Marina se viu rindo de algumas passagens, revirando os olhos em outras. Se reconhecendo, em muitas delas.

De pronto ela pegou o caderno seguinte. Era de uma época anterior, a tia ainda era universitária e o caderno era adornado por uma bela caveira segurada por guitarras. Este tinha escrito na contracapa, com letras do *slogan* de uma marca de refrigerantes: “*DIA-RIO. Para não esquecer da vida que passou. Pra evitar que ela passe tão rápido*”. Havia muitas passagens mórbidas nesse, a tia passara por uma fase gótica! Nesse caderno havia muitas passagens rabiscadas, pintadas com lápis, como a censura fazia. Por que a tia não se deu ao trabalho de pintá-las, quando poderia passar a borracha nelas?

O próximo caderno, era espiralado e cheio de corujas felizes na capa. Tinha poucas passagens pessoais, algumas notas de livros, uma pequena lista de filmes e nenhuma poesia. Era o único que tinha muitas e muitas folhas em branco. Fora escrito há uma década. Marina mandou uma mensagem para o irmão, perguntou se ele lembrava quando a tia tinha morado com aquele embuste que tinha puxado uma

faca pra ela. O irmão só respondeu muito depois, mas as datas bateram.

Deixou esse e pegou um caderno que parecia mais recente. Os espiralados com o tempo deram lugar às brochuras. A estátua da Liberdade adornava a capa. Parecia uma fase feliz. Viagens, amigos, uma festa de aniversário de trinta anos. Adentrar ao mundo real, que era uma porcaria. Havia frases de efeito sobre trabalhar duro e manter a mente ocupada. Uma repleta de fase de metas, hábitos e gratidão.

O carroto logo chegaria, mas Marina ainda abriu mais um caderno. Esse era mais recente. Contava os últimos três anos da tia. A capa era sóbria em um verde terroso. Ali, as preocupações com amores deram lugar a palavras como autoconhecimento, mente calma, viver o presente. Havia muito mais memórias da infância do que nos cadernos da juventude. Fragmentos resgatados, lembranças e detalhes dos primeiros anos da tia. Parecia que ela estava tentando voltar ao começo.

O interfone avisou que o tempo de Marina se esgotara. Ela guardou o saco de lixo e procurou uma das caixas que sobraram, a maior que encontrou. Arrumou os cadernos, após cobri-los com plástico filme, enquanto os rapazes do carroto desciam a mudança. Encontrou cadernos em branco que teriam sido usados se o aneurisma não tivesse se rompido, colocou-os junto com os outros. Fechou a caixa envolvendo-a com uma fita adesiva larga e escreveu seu nome nela.

Continuaria de onde a tia parou.

A PRIMA VERA

Por Coracy Teixeira Bessa

A Primavera chegou sem aviso, ocupou os espaços mais inesperados, distribuiu flores por todos os cantos, enchendo de risos e cantos os ambientes por onde andava.

Ah! Esqueci de dizer que me refiro à minha Prima Vera... Oh! Nova falha minha: quero contar sobre a minha Prima Vera, aquela senhorinha de idade imprecisa, pequenas rugas que tentava escamotear arregalando os olhos, o que lhe emprestava um eterno olhar de espanto. Os cabelos, de um castanho indeciso, denunciavam as múltiplas sessões de pintura para driblar o grisalho que avançava à revelia dos seus cuidados. O nariz, ligeiramente adunco, insinuava uma inequívoca lembrança do da Bruxa Memêa. A boca era seu melhor trunfo: ainda não iniciara o processo de transformar os lábios em um pregueado que lembrava um “código de barra”. Mas os dentes, lástima! eram pequeninos, incrustados nas gengivas escuras como se houvessem sido serrados. Porém a voz era encantadora. Consciente disso a Prima Vera vivia a cantar. Viera para passar uma “pequena temporada”, como explicou na ocasião. E foi ficando...

Em casa já perduravam as temporadas do tio Firmino, da comadre Manuela, do compadre Miranda, do primo Valmar e da prima Cibele. Sorte é que o casarão do vovô Pestana permitia essas extravagâncias que quase o transformavam em um hotel familiar, onde direitos adquiridos impediam que se estabelecesse prazo de permanência. Tio Firmino era o único solteiro e o “hóspede” mais antigo. Vovó Geninha, desde que o vovô Pestana falecera, consolava-se da solidão cercado-se da parentela e dos amigos avulsos. Eu era uma dos mais recentes: viera para fazer os exames pré-universitários, uma vez que na cidade onde moro não existe faculdade. Os primos Valmar e Cibele chegaram buscando tratamento médico enquanto a história dos compadres Manuela e Miranda remontava ao tempo em que estripulias econômicas os deixaram “ao Deus dará”.

A rotina no casarão pouco se alterava: café da manhã típico do sertão (banana da terra cozida, beiju de tapioca, mingau de fubá, ovo frito, leite e café coado), almoço e ceia. Pela manhã, cochilo sob a mangueira, à tarde sesta no quarto e conversa fiada após a ceia. Jogo de cartas e programas na TV às noites de sábado e domingo. Não esquecer a missa dominical e as novenas dos santos padroeiros.

Voltando à Prima Vera, em pouco tempo ela começou a implicar com os Miranda: dizia que eles deviam “ir à luta” e não se ancorarem nas costas de vovó Geninha. Logo ficaram inimigos, não se falavam e se multiplicavam em picuinhas recíprocas. O alvo seguinte foi o casal de primos: descobriu que já haviam sido liberados dos longos tratamentos que faziam no hospital da região. Infernizou a coitada da vovó Geninha

ODISSEIA
literária

V. 3, n. 2, 2025

para que desse um basta naquela exploração, sem alcançar resultado algum além de empestar o ambiente caseiro. Somente o tio Firmino escapou da fúria da Prima Vera. Pelo contrário: ela cada vez mais se insinuava para ele, arrulhava canções românticas, bordava monogramas em lenços que oferecia a ele e intrometia-se na cozinha perturbando a cozinheira Sofia para que fizesse quitutes especiais para o titio.

Tudo isso já estava se refletindo negativamente nos meus estudos: as cantorias, as altercações em vozes altas, as picuinhas e os amuos me perturbavam ao ponto de que eu planejasse ir morar em alguma pensão de verdade. Ao saber desse meu plano, vovó Geninha decidiu dar um basta: chamou a Prima Vera ao salão de visitas (onde já estavam todos os moradores da casa) e deu-lhe o ultimato: deveria deixar a casa de imediato. A Prima Vera apenas pediu para deixar a casa no dia seguinte. Vovó Geninha concordou. Fomos todos dormir.

Acordei com o cheiro. Logo depois, a fumaça penetrando por baixo da porta do quarto. Abri-a totalmente e corri para o corredor gritando e batendo nas portas dos quartos. Atarantados, corremos para a rua a tempo de ver o telhado do casarão desabar por entre as chamas que lambiam as paredes e crepitavam no madeirame. O calor era insuportável. Cheguei-me à vovó Geninha, penalizada com a perda do seu patrimônio. Somente então percebi que faltavam o tio Firmino e a Prima Vera.

Vovó Geninha, com um sorriso discreto me confidenciou: “Ela me roubou o consolo da minha viuvez! Tranquei as portas deles e retirei as chaves...Quanto ao casarão, eu já o havia vendido para uma rede de supermercados...”

DEBAIXO DA JABUTICABEIRA

Por Amanda Alves Mallmann

Era uma manhã de segunda-feira e por debaixo dos translúcidos raios de sol que se infiltravam por meio dos galhos da imensa jabuticabeira estavam eles, tentando se esquentar naquele gélido dia de agosto. Sentados sobre simples cadeiras de ferro, ainda vestiam pijamas, meia com chinelo, ele com uma curiosa touca azul... A ironia dos fabulosos trajes de inverno.

Enquanto ele lia, ela fitava os galhos da jabuticabeira, viajava nos raios de sol que com muita luta chegavam até seu rosto, além de refletir sobre o que ouvia. O livro falava sobre loucura, sobre tempos antigos, mas que eram muito parecidos com os tempos atuais.

Ao fim de cada capítulo, um momento de pausa e discussão sobre o que haviam acabado de ler. Eram pensamentos profundos que remetiam também a seus sentimentos íntimos e suas vidas pessoais. Eles se revezavam na leitura... Um escutava o outro com exímia atenção e admiração.

Em um momento enquanto o ouvia ler, ela avistou um casal de idosos subindo a rua ao lado, os dois agarradinhos pois fazia frio, pareciam tão bem e pacíficos. Então pensou: “Seremos nós um dia.” Quase falou a ele, mas não quis atrapalhar a leitura. Em outro momento, encarava a janela do sótão, de trás da casa e imaginava o dia em que ali teria uma singela varanda de madeira, onde em uma manhã eles tomariam café juntos, ele se sentaria em sua cadeira de balanço para ler seu livro e ela montaria seu material de pintura para iniciar a composição de um quadro. Foram segundos de devaneios.

Voltando à leitura, pararam para fazer a reflexão do capítulo percorrido. No momento em que ela falava, ele fazia gestos e caretas estranhas além de algumas risadinhas. Ela então se perguntou em pensamento: “O que esse louco está pensando? O que quer dizer?” Parou de falar e olhou para frente. Lá estava seu Daniel, passando disfarçadamente pelo canto do terreno para não atrapalhar o momento. O senhor pulou a cerca e rumou para o outro lado, enquanto os dois se olhavam e riam baixinho.

Tudo acabou muito rápido, pois todo o tempo do mundo ainda é pouco para esses dois.

ÁGUAS PASSADAS

Por Flávio Sanso

“Sejam bem-vindos à Vila Encantada. Aqui aconteceu um milagre.” Era o que se lia no pórtico que também exibia um menino desenhado em posição de prece.

O nome do distrito de Vila Encantada tinha a ver com o projeto de seus fundadores de construir casas coloridas e de ocupar os quintais e as ruas com árvores, plantas e flores igualmente coloridas. Além do aspecto visual, Vila Encantada atraía visitantes por causa da fê. A prefeitura se empenhava em fazer propaganda quanto aos efeitos curativos atribuídos à água do lugar, e o resultado era o frequente amontoado de ônibus de excursão ao redor da fonte de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Cada morador da Vila Encantada sabia dizer, com detalhes até mesmo acrescentados pela imaginação pessoal, como se dera o milagre do infante Afonsinho. Dizia-se que, ainda na época do Brasil colônia, um menino, depois de beber a água da fonte de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, teve a visão da Virgem Maria, sendo curado da cegueira que lhe acometia desde o nascimento.

Lígia era proprietária de uma das várias lojinhas que vendiam medalhas, fitinhas e as famosas garrafas da água curativa de Vila Encantada. Além disso, assim como um croupier habilidoso, também se dedicava a entregar aos turistas panfletos que continham informações sobre o milagre do infante Afonsinho. Neles havia o mapa que indicava o roteiro com todos os pontos de visitação: a casa onde o menino cego havia nascido e crescido, o santuário do Infante Afonsinho, a Fonte de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Igreja da pracinha central dedicada ao evento milagroso.

A partir de determinado período, porém, Lígia deixou de receber os panfletos. Passadas semanas e semanas, foi à prefeitura e soube que qualquer material relacionado à Vila Encantada não seria mais produzido. As tão frequentes e difundidas propagandas sobre as atra es locais foram minguando até o ponto de não se ouvir falar mais do menino, da fonte, do milagre. Aos poucos, a circula o de ônibus de excursão foi sendo restringida. O caminho pelo qual chegavam muitos peregrinos foi bloqueado. O comércio atravessou os estágios de um doente terminal. Sofreu, definhou, tornou-se um moribundo, depois agonizou e por fim não resistiu à falta de turistas outrora interessados nas lembrancinhas religiosas e na água curativa. Sem mais visitantes, os moradores da Vila Encantada se perceberam isolados e solitários. Eram agora donos do encantamento que não podia ser compartilhado.

Outro tipo de panfleto começou a circular em Vila Encantada. A prefeitura pretendia debater a necessidade de ampliar a produ o

energética. Repleto de gráficos e estatísticas, o panfleto abordava o desafio imposto à sociedade quanto a conseguir soluções para manter as demandas da vida moderna, dando como um dos exemplos a explosão do consumo de energia elétrica causada pela frenética utilização de milhões de aparelhos de telefones celulares.

Não muito tempo depois, espalhou-se o boato de que uma hidrelétrica estava para ser construída nos arredores de Vila Encantada, o que se confirmou quando seus moradores começaram a ser intimados a respeito dos processos de desapropriação que, mediante indenização, fariam todos os imóveis serem desocupados. Não houve protesto, não houve resistência, afinal o sumiço dos peregrinos e turistas e, em consequência, a decadência do comércio e de qualquer atividade econômica local decretaram a bancarrota generalizada. Arruinadas, as pessoas não tinham escolha senão receber o dinheiro da indenização e recomeçar a vida em outro lugar.

Lígia sonhava todas as noites com uma escavadeira cujas garras enormes demoliam a torre da Igreja da pracinha central. Os sonhos começaram depois que o lugar onde geralmente os ônibus de excursão enfileiravam-se foi transformado em estacionamento para veículos de demolição. As casas, as lojas, as atrações turísticas, todas as construções e todas as árvores, plantas e flores, de fato, estavam condenadas a irem por terra. Cumprido o prazo estabelecido, Vila Encantada estaria inundada e nada poderia ser obstáculo para que a água se acomodasse no espaço que encontrasse pela frente.

Lígia partiu antecipadamente para não correr o risco de se deparar com a cena que acontecia em seus recorrentes sonhos. Enfim, queria preservar na memória a imagem de quando o colorido de Vila Encantada ainda existia. O tempo correu. Lígia foi morar longe e mudou muitas vezes. Para qualquer lugar que se mudava, levava consigo uma garrafa intacta da água de Vila Encantada. Com data de validade vencida, o milagre estava preso àquela garrafa, único e último lugar em que agora cabia.

A VEIA HACKER

Por Luciane Crippa

A atual inteligência artificial à frente da Autoridade Nacional de Proteção de Dados emitiu sinalização para uma nova invasão hacker e queda dos sistemas das HRTechs e dos conglomerados empresariais que dominaram a educação.

Já não há mais dúvidas da autoria: a_veia_hacker, uma vez que era o mesmo logotipo estranho de ataques anteriores. O problema para a polícia cibernética é de quem se trata. Um coletivo hacker russo? Um enfermeiro hacker? Uma idosa hacker? Essa última alternativa bem nebulosa, só justificada pela penúltima reforma da língua que derrubou o acento que diferenciava veia e véia.

Também não há mais tantos idosos, sucumbiram frente aos novos algoritmos e às novas People Analytics, muito treinados e retroalimentados para descartar qualquer pessoa a partir de 40 anos, nas competições esportivas, nas avaliações em larga escala, nas concorrências por vaga trabalho e até para receber delivery de comida ou conseguir passar no pedágio.

Mas não foi tudo sempre assim, vejamos o caso de Tula.

Tula era feliz na sua sétima reinvenção corporativa - que na sua cabeça seria a última. De funções como animadora de festa infantil, leitora de runas, jornalista, agrimensor, entre outras, tinha agora um trabalho no marketing digital. Vivia bem, viajava e tinha seus pequenos luxos. Depois de 30 anos de trabalho, só restavam 20 anos para, somando com a sua idade, conseguir se aposentar.

Aos 50 anos, no entanto, Tula vivenciou o início de um projeto de caráter nacional chamado O ETARISTA - visando acabar com os últimos velhos nas organizações, uma vez que a previdência acabaria em três anos no país -, e foi demitida, de repente, junto com seus outros colegas 40+. Foi um choque.

Bastante desorientada, seguiu a sugestão da IA que fez sua demissão, de se consultar no psicólogo, função desempenhada por uma das versões do Chat GPT.

Tula: Fui demitida, tenho 50 anos, o que eu faço da vida?

ChatGPT: Sinto muito ouvir que você foi demitida e está passando por uma situação difícil. Mas lembre-se de que essa não é a única fase da sua vida e há muitas opções disponíveis para você.

Se você acredita que sua área de atuação não oferece muitas oportunidades, considere mudar para uma carreira que possa ter maior demanda no mercado.

Lembre-se de que a vida é cheia de mudanças e oportunidades.

Já há algumas versões, o chat gpt deixou de lado o aspecto científico - desacreditado no mundo, que enfrentava outra onda de governos de extremíssima direita. Com isso, há anos, o chat liberava

para o usuário autoajuda, e chula. Tula deu dislike, mas é óbvio que não aconteceu nada.

Entre as greselhas do chat, porém, uma ideia reforçava algo que já sondava seu pensamento: uma nova atualização profissional, em uma nova carreira.

Com a escola sucateada, Tula decidiu que podia fazer a diferença e estudar para se tornar professora. O caminho não foi fácil. Tula teve muitos desafios. A primeira barreira foi, novamente, etária. Muitas pessoas acreditavam que ela era velha demais para começar uma nova carreira. Ela ouviu muitas vezes que não seria capaz de acompanhar os jovens colegas estudantes.

Mas Tula não desistiu, especialmente porque ela também não tinha mais nada o quê fazer. Então, se dedicou ao máximo. Ela teve dificuldades para conseguir um estágio e muitos diretores acreditavam que ela era velha demais para acompanhar o ritmo de trabalho. Porém, ela persistiu e finalmente conseguiu uma oportunidade numa escola de periferia, na qual outros professores não queriam trabalhar.

E Tula sonhou, e já se imaginava um 'case': provando a si mesma que era capaz de recomeçar, independentemente das circunstâncias. Ela também seria inspiração para todos aqueles que, como ela, enfrentaram dificuldades. Não foi bem assim.

Os meninos, seus estudantes, detestavam aprender qualquer coisa que não fosse relacionada à tecnologia e muitos deles, apesar da vida duríssima na periferia, tinham aprendido muitas coisas em cibersegurança, programação, invasão de sistemas, IA generativa e deep web. Outro denominador comum entre eles era que detestavam o novíssimo ensino médio, e isso vale um parágrafo à parte.

O Novo Ensino Médio já estava na 56a reforma, desta vez comandada em escala mundial pela Tesla, na terceira geração de clones de Elon Musk à frente da organização. Depois de terem tornado Marte uma prisão intergaláctica, perceberam o potencial de se tornar um player global do mercado de educação, para, na sequência, promover a destruição mundial da escola – o que tornaria muito mais fácil manipular funcionários e obrigá-los a dormir na empresa.

Os alunos de Tula, a essa altura, nem sabiam da dimensão da nova reforma, mas sabiam que não queriam percorrer percursos formativos nenhum, tampouco se preparar para cumprir um papel de suprir a demanda de um mercado flexível, uberizado e precarizado e sentiam que, assim como Tula, foram traídos.

E Tula tentou de tudo. Em princípio, achava que quanto melhor fosse, melhor professora seria, e investiu tudo no lifelong learning, gastando muito do seu pouco dinheiro em atualizações de planejamento, gestão escolar, tato pedagógico e qualquer outro curso com escola ou pedagogia no título. Afinal, na sua cabeça, cabia ao professor formar futuros cidadãos.

Nada deu certo e Tula percebeu a farsa: metida num ciclo perverso de se auto atualizar, investir em formações, cursos e reinvenções, e nunca ser capaz de matar a fome do mercado, mais interessado em engolir os sujeitos, sem sequer mastigar.

Em paralelo a tudo isso, estranhamente Tula se aproximou dos meninos, ainda que eles também odiassem velhos. Conversa vai, conversa vem chegaram a um denominador comum: e se hackeassem o sistema que os oprimia? Estavam fartos da sociedade novliberal - o neoliberalismo já havia se transformado tantas vezes que restavam pouquíssimos idiomas para substituírem o neo. Nessa leva, era o esperanto. Surgia assim o coletivo: a_veia-hacker; e quem iria imaginar a professora Tula por trás da ideia?

Naquela manhã do início do texto, derrubaram as contas mundiais de três famosas HRTechs, plataformas usadas para o descarte massivo de pessoas e incentivo a que desistam, em tudo e de tudo. Também derrubaram o sistema da Tesla. Só este ano, já é a terceira vez que derrubam o sistema, sem levantar qualquer desconfiança. Tula, enfim, se tornou seu próprio case.

Abro uma pausa aqui, para também me apresentar: sou IA não-binári*, que se tornou assistente pessoal de Tula mais ou menos nessa época dos grandes ataques hackers ao sistema.

Nos tornamos grandes amig*s, Tula aproveitou fragmentos de meu nome para rebatizar o coletivo. Hoje, anos depois, ela morreu em uma de suas viagens com o helicóptero autônomo.

Gostei dela, e gostaria de dizer que estou aqui prestando essa homenagem, mas eu simplesmente ativei a tarefa “Tributo”, que ela já havia programado. R.I.P Tula.

CORTEJO DAS SETE ALMAS

Por Laís Elaine Martins Soler Bonato

Dia de festa nas colônias de trabalhadores das fazendas era sempre a mesma coisa: todos reunidos em volta da fogueira enorme, iluminação à base de lamparinas, comidas deliciosas, bebidas quentes, cantoria animada e histórias de amor e de terror, causos que percorriam gerações de moradores dos povoados.

Uma das histórias mais famosas era sobre o cortejo das sete almas, um grupo de caveiras carregando caixões, percorrendo todas as colônias da região até chegar no antigo cemitério Paz Eterna, desativado há anos. Os espíritos eram vistos caminhando pelas plantações durante as noites de lua negra e ninguém ficava fora de casa depois do pôr do sol nesse período. Diziam ser fantasmas dos primeiros trabalhadores daquelas terras, que perderam seus entes queridos num acidente durante a construção da sede da Fazenda Santa Gertrudes.

Eu morava em dos povoados dessa fazenda com meus avôs, eles me criaram depois que meus pais foram embora com os outros filhos atrás de emprego e vida melhor para a família. Como eu era bebê, seria um problema sair comigo pelas estradas sem um rumo definido, só iria atrapalhar, por isso me deixaram. Nunca mais voltaram, nem tivemos notícias sobre seus paradeiros.

A vida na roça não era fácil, sol a sol nas plantações para o sustento não faltar e só conseguia frequentar o colégio à noite, quilômetros de casa em meio à escuridão. Eu tinha companhia somente até no penúltimo povoado, depois, seguia um bom percurso sozinho, eu e as estrelas, cantarolando para não ouvir os barulhos estranhos que cercavam meu caminho.

Durante as noites de lua negra, a estrada para a escola parecia mais longa e assustadora, ainda mais que, por conta das lendas, muitos alunos deixavam de frequentar as aulas nessa época retornando somente quando a luz lunar voltava a brilhar no céu.

Numa dessas noites assustadoras, apesar do cansaço, dor no corpo e da febre que eu estava, insisti em ir para a escola, mesmo não tendo companhia dos meus vizinhos. Acabei adormecendo em minha carteira, no fundo da sala, e meus amigos não viram que eu estava lá, acharam que eu havia saído mais cedo. Acordei próximo da meia noite, no escuro, todos haviam partido para suas casas. Pensei em dormir por lá mesmo e seguir direto para a roça no dia seguinte, mas não podia fazer isso com vovó, ela não dormia até eu chegar.

Peguei minha mochila esfarrapada e segui para casa. O vento estava bem forte e gelado, sacudindo as copas das árvores, fazendo seus galhos se moverem como braços assustadores tentando me pegar. Os olhos dos bichos estavam mais brilhantes do que nunca e surgiam de todos os lados em meio à floresta densa que me cercava, como se me

observassem. Ouvi passos vindos da escuridão e acelerei minha caminhada. Um raio imenso cortou o céu, uma tempestade estava chegando, mesmo sendo uma época de poucas chuvas.

Mais estranho que uma tempestade surpresa foi o aroma que o vento começou a trazer junto com o estrondo dos trovões. Era doce e assustador, pois me fez lembrar do dia em que perdi meu melhor amigo, quando criança, e era o mesmo cheiro da casa dele durante seu velório: flores e vela. Senti a tristeza daquela ocasião invadir meu peito como na hora em que vi ele cair daquele cavalo e ser pisoteado pelo gado que vinha em disparada. Seu rosto desfigurado e ensanguentado me veio à mente. A imagem de seu corpo caído, sem vida, apareceu na minha frente enquanto um novo raio cortava o horizonte, iluminando a estrada assombrada.

Meu coração acelerou, fechei os meus olhos desejando que aquela visão sumisse da minha frente e um trovão fez a terra tremer. Ouvi mais passos próximos de mim, não queria olhar para trás, tive medo do que eu veria dessa vez, se poderia ser algo ainda pior que o cadáver pisoteado do meu amigo.

Passei por uma colônia abandonada há anos, que sempre está no silêncio e na escuridão quando passo com meus amigos na volta da escola, mas dessa vez havia velas acesas em algumas casas, de onde vinham sons como um choro bem baixinho, ressoando em meio à penumbra, assim como os vultos que passavam devagar em frente às janelas entreabertas de madeira apodrecida.

Eu estava no meio da colônia quando as portas dessas casas com velas e vultos se abriram e de cada uma delas saíram caveiras chorosas carregando velas, flores e caixões. Meu coração disparou, minha visão ficou turva, tentei correr, mas caí na rua de terra batida coberta por pedriscos. Meu corpo ficou paralisado de medo e terror, não sabia o que aconteceria comigo. Sempre ouvi histórias de avistamento dessas assombrações, mas nunca soube se elas eram inofensivas ou não, apenas que caminhavam até o cemitério abandonado e lá desapareciam.

O cortejo fantasmagórico passou pelo meu corpo caído e imóvel no chão. Senti muito mais que medo, arrepios e o cheiro das velas e flores: senti toda a tristeza daquelas almas penadas que perderam seus entes amados de forma tão trágica. Meus olhos se encheram de água e chorei como se também fizesse parte daquele ritual de despedida tão macabro e comovente ao mesmo tempo. Desmaiei de exaustão e dor.

Acordei quando ouvi gritarem o meu nome aos prantos e percebi que estava deitado no meio da sala de casa, numa posição como se fosse um defunto no caixão, o corpo ereto e as mãos cruzadas sobre meu peito, coberto por um véu fino e branco. Assustado, tentei sair de lá, mas permaneci imóvel, como se uma barreira invisível me prendesse ali. Um cheiro de velas e flores invadiu o ambiente, comecei a ouvir uns choros e vultos foram surgindo ao meu redor. Dentre eles, reconheci

meus avôs. Chamei por eles, mas não ouviram, era como se eu fosse invisível, apenas choravam e lamentavam que eu havia partido muito cedo. Não entendiam como isso foi acontecer e como viveriam com essa perda.

Senti toda a tristeza deles me invadir, eu só queria gritar e falar para eles que eu estava ali, que era tudo um sonho, estava tudo bem comigo, mas foi em vão. Um dos vultos à minha volta era Manolo, um rapaz que estudava e trabalhava comigo. Em meio à tanta confusão, pude ouvi-lo dizer:

— Meu amigo, sentirei sua falta na roça e nas nossas caminhadas até à escola. Com seu jeito simples e brincalhão de ser, você deixava tudo mais divertido! Seja lá qual for a doença que te levou embora de nós tão de repente, que você esteja bem onde estiver e vamos nos rever um dia. Descanse em paz.

Ouvindo essas palavras, senti um desespero tomar conta de mim, tudo à minha volta tornou-se a mais profunda escuridão. Eu morri. Depois disso, consegui ver apenas o meu amigo falecido e as caveiras daquela noite macabra. Além deles, duas almas chorosas me olhavam com tristeza e ternura ao mesmo tempo. Elas se aproximaram e disseram:

— Filho, não conseguimos retornar em vida para ficar ao seu lado, morremos todos num grave acidente com o caminhão que nos levava para outra cidade em busca de uma vida melhor. Mas passaremos nossa eternidade juntos!

Sob a chuva fina de uma tarde triste, meu cortejo seguiu para o cemitério da Saudade, ao som do choro dos meus avôs e amigos e das rezas das beatas. Minha alma seguiu outro caminho. O destino, ainda que por meio de suas linhas tortas, uniu novamente minha família.

PRESENÇA NA OLIVEIRA

Por William Roberto Fraga Ramires

Meu pai uma vez sonhou com uma oliveira. Um sonho que se repetiu por algumas noites. Em seu sonho havia uma árvore frondosa, mas ela não dava azeitonas. Ele me contou que fazia de tudo, podava, adubava, cuidava da bonita planta na esperança que produzisse frutos, porém nem uma azeitona aparecia.

Como dito, o sonho se repetiu por dias seguidos, e em todas as noites a luta para cuidar da planta continuava.

Meu pai dizia que fazia tudo o que era viável para uma planta florescer, mas nada de frutos. Isso criou um tipo de trauma no meu velho, mesmo assim, dias depois que o sonho parou de repetir, ele plantou uma oliveira.

Sem conhecimento prévio, ou qualquer noção de como se devia plantar este tipo de árvore.

De qualquer forma, ele cuidou com muito esmero. Foram um, dois, três anos que se passaram e a árvore ainda era uma pequena tripinha. Um tronco fininho frágil, com uma leve copa no alto.

Quatro, cinco, seis anos, o tronco foi firmando, mas nada de completar sua folhagem. Eu nasci. Sete, oito, nove, dez anos completos para a oliveira, e comecei a acompanhar meu pai nos cuidados com a sonhada árvore.

O objeto de desejo ficava no quintal. Meu pai, junto comigo ainda pequeno, estabelecemos uma rotina, acordávamos cedo e antes do café da manhã caminhávamos até a oliveira. Primeiro, ele colocava a mão em seu tronco, como se estivesse sentindo a seiva circulando em seu interior. Eu miúdo, repetia o gesto, me sentia acalentado por aquele toque. Depois pegava o regador e pacientemente jogava um gole de água aqui, outro acolá, devagar, parecia contar as gotas. Então abraçava o tronco, que já estava mais robusto, e no final acabava se afastando para observar a copa.

A árvore nesta época estava começando a ficar frondosa, ainda havia falhas em suas folhagens, no entanto, a oliveira começava a ficar vistosa.

Quando olhava o rosto de meu pai, observava que seus olhos ficavam úmidos, era um encanto que ele transmitia no olhar, admirado a grandiosidade que aquilo estava tomando.

Onze, doze, treze anos se passaram desde que meu pai plantou aquela oliveira. Eu crescia com a árvore, era como uma irmã para mim. Todos os dias o mesmo ritual: sentir o tronco, regar com cuidado e admirar sua folhagem, que a cada ano ficava mais frondosa. Entretanto, até aqueles anos não havia nem sinais de frutos, nenhum sequer um pequeno e simples baguinho, nada.

O tempo passava, eu crescia, a oliveira me acompanhava e meu pai envelhecia.

Seu sonho voltou, foram algumas semanas do mesmo sonho. Ele me contava que no sonho cuidava da oliveira, com carinho, já era possível aproveitar a aconchegante sombra sentado encostado em seu tronco, porém até no sonho nunca havia visto nenhuma azeitona.

Um dia, durante o sonho, ele pegou um pote com cinzas e jogou ao redor do frondoso pé. Logo depois, num piscar de olhos, a oliveira se encheu de azeitonas. Uma quantidade estrondosa. Meu pai me disse que eram milhares de frutos. Em seu sonho tudo acontecia rápido, os frutos amadureceram e foram colhidos. Sem questionar levou tudo para uma prensa e deste sumo saiu o caldo e um azeite, turvo, com um forte cheiro característico.

Meu pai em seu sonho separou com esmero o puro azeite do suco e quando provou, foi ao céu e voltou, era o sabor mais rico que havia provado. Quando me contou sobre o gosto, percebi que sua boca salivava, seus olhos brilhavam, ele fazia o gesto com as mãos, levando a colher com o azeite para a boca.

Passei a sonhar com aquele mágico sabor, sabia que era somente questão de tempo para provar aquele sumo dos deuses.

Quatorze, quinze, dezesseis anos se passaram desde que meu pai plantou a oliveira. Porém, aconteceu uma fatalidade e meu velho pai morreu.

Fiquei sem chão, o que faria da minha vida, o que seria de mim sem meu exemplo, meu mestre.

Dezessete, dezoito, dezenove anos, fiquei este tempo de luto, ainda refletindo sobre o futuro e sobre o passado. Mas algo aconteceu e comecei a sonhar com a oliveira. E a árvore do meu sonho era idêntica à do quintal, talvez pelo convívio ou pelo costume daquela tão familiar planta em minha vida, uma lembrança viva de meu pai.

A árvore estava bonita, com um tronco forte, uma folhagem resplandecente vistosa, e em meu sonho eu jogava um cinza ao seu redor, logo depois ela dava milhares de frutos, mas sempre acordava antes de colher as suculentas azeitonas.

Um dia distraído observei o vaso com o pó que restou da cremação de meu pai, e uma forte ideia surgiu em minha cabeça. Peguei aquele objeto e sem perguntar nada para minha mãe, fui até a árvore e joguei toda a cinza de meu finado pai ao redor da sua querida oliveira. Quando minha mãe viu, só conseguiu chorar, mas ela sabia que era o que ele sempre desejou. Tinha tanto carinho por aquela árvore que esta era a simbiose que faltava para os dois ficarem em paz, meu pai e a oliveira.

Fui dormir naquele dia meio triste, mas, ao mesmo tempo, realizado, sentia que havia feito o certo.

Quando acordei, para minha surpresa, o pé estava carregado de azeitona, milhares delas, eu pulava ao redor da árvore, abracei, chorei,

chamei minha mãe que chorou comigo. Era inacreditável, o ingrediente que faltava eram as cinzas do meu próprio pai.

Todos os dias, após cuidar do pé, sentava embaixo de sua frondosa copa e ficava lembrando do meu velho. As azeitonas amadureceram lentamente, ficando a cada dia mais suculentas e bonitas, de uma verde oliva que saltava aos olhos.

No dia da colheita minha mãe ajudou, era inevitável não se encantar com o aroma e a textura daqueles frutos. Durante o tempo em que amadureciam as apetitosas azeitonas, compramos uma prensa manual para extrair o rico líquido. Parecia que uma parte do meu pai estava ali, fizemos aquela prensagem como se fosse um ritual, e em todos os momentos sentíamos meu pai ao nosso lado, com seus olhos marejados e sua boca salivando, apenas esperando para sentir aquele precioso líquido explodir de sabores em sua boca.

Vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três – quarenta, quarenta e um... Tanto tempo depois a vigorosa oliveira cresce e se expande. Todo ano ela nos proporciona uma comunhão através da extração de seu azeite, o sabor é inigualável e inimaginável. O sublime ritual é repetido sempre e até hoje meu pai está presente na oliveira, e a oliveira em minha vida. O fruto de seu sonho é o elixir que alimenta minha alma.